**Memorialismo auto ficcional em “A Chave de Casa”, de Tatiana Salem Levy**

SILVA, Lara / UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - lara.fersi01@gmail.com

Eixo: Escrituras del yo como formas del ensayo. Autobiografía, auto ficción, cartas, diarios, testimonios en textos latinoamericanos

  Tipo de trabajo: ponencia

* Palabras claves: A Chave de Casa – Memória - Auto ficção
* Resumo

Este trabalho mostra-se como um estudo em que se refere a uma consolidação do romance "A Chave de Casa", de Tatiana Salem Levy. Entre narrativas ficcionais e memorialísticas, há um diálogo solitário no qual não há um retorno de respostas inicial. Relata-se uma protagonista, com aspecto sombrio, pálido, porém com algo que pode trazê-la de volta a vida, guiá-la até então a uma viagem com uma perspectiva entre passado, presente e futuro: uma chave antiga, de uma casa turca até então pertencente ao avô, que será capaz de mudar a trajetória das próximas páginas de seu destino. Uma narrativa rica em detalhes sutis que narram as diversas falhas do passado, dentre elas, as relíquias de cunho familiar, o amor doentio, a morte. A autora nos faz duvidar do verdadeiro eu da protagonista, guiando os leitores a sentimentos de aflição e provocação, bem como a tentativa de recuperação do passado através da memória.

.

* Apresentação

O presente ensaio é elaborado através do estudo da obra “A chave de casa”, sendo indicada ao Jabuti, no qual venceu o prêmio São Paulo de Literatura em 2008, um ano após a sua publicação; este é então constituído em duas partes: iremos abordar uma temática entrecruzada num caminho repleto de auto ficção e memória, no qual convida a nós, leitores, imaginar que podemos estar identificando algo parecido com um diário, em que o trânsito da vida real para a página sofreu um percurso, digamos que, direto, porém, esse efeito, seja qual for a verdade, é uma ilusão. De uma maneira mais específica, este artifício está a serviço de criar a sensação de que não há artifícios, que é o ponto principal. A forma de narrar de Tatiana Salem Levy é acessível, simples, repleta de poesia, em que nos provoca um ritmo específico que nos circunda, cria um“fluir” que nos arrasta. Com uma história que apesar de possuir uma linguagem clara, encontra-se arquitetada de modo não-linear, por meio do entrelaçamento de quatro histórias, em paralelo, que se unem na figura da família da narradora. A escrita torna-se elegante e profunda. É uma história que é emocionalmente forjada e incrivelmente comovente como resultado. Seções nas quais o narrador narra a doença de sua mãe e sua própria reação à morte iminente são particularmente poderosas, chegando até mesmo a captar a experiência universal de perder um ente querido.

O romance é construído pela jovem autora renasce através do relato de jovem turco de família judia, nascido em Esmirna, imigra para o Brasil em meados da primeira metade do século XX. Nesta vinda ao país brasileiro, o turco carrega consigo sentimentos torturantes, ao tempo em que também almeja obter sucesso no então país a desbravar. Ao passar de décadas, distante de sua pátria, o personagem turco confia à neta a chave da casa, local que expressou momentos ao decorrer de sua infância e adolescência. Desta forma, o emigrante turco atribui uma missão a neta: regressar à Turquia com o intuito de relembrar a sua história de vida, seu até então antigo lar, ao tempo em que remete a todo o contexto familiar.
Podemos mencionar que tanto a autora, Tatiana Salem Levy, quanto sua personagem no romance, nasceram em Lisboa, em 1979, no exílio dos pais durante a ditadura militar brasileira. Em um Depoimento gravado durante o programa “Encontro de Interrogação”, em setembro de 2011, no Itaú Cultural, na época, Tatiana relata que estava sofrendo de uma doença estranha que a manteve presa na cama por dias a fio, incapaz de se mover. Tentando descobrir a verdadeira origem dessa condição, ela começou a pesquisar sua mente e a história de sua família, revisando fotografias antigas e diários de família, e foi assim que começou a escrever "A Chave de Casa". Como ela disse em outro lugar, "este livro é um diálogo com fantasmas", um estudo sobre o significado do legado familiar e a herança da dor e da perda. A autora também menciona que enquanto estava escrevendo, sentia que estava “matando os mortos”, e isso é o que Tatiana faz em toda a "Chave de Casa", a fim de recuperar a sua mobilidade e sua capacidade de viver no presente, livre da dor que a deprime. Conseguimos idealizar que, no romance, o narrador pode ser indigno de confiança, mas de alguma forma chega ao cerne da questão no romance de estreia de Tatiana Salem Levy. “Eu sempre acreditei que não havia nada a ganhar com as ruínas de coisas que não existiam mais”, ela nos diz, então, que a chave, a jornada e a doença podem ser simbólicas. De fato, nosso narrador proclama sua falta de confiabilidade (LEVY, 2009): “A jornada é uma mentira: nunca deixei essa cama mofada” (LEVY; p. 206). Este fato não nos implica dizer que essa história possa ser lida inteiramente como fantasia, menos ainda, que seja contada de maneira pouco convincente.

“Eu escrevo com as mãos atadas. Aqui na concretude imóvel do meu quarto, de onde eu não saio há longo tempo. Eu escrevo sem poder escrever e: por isso escrevo. De resto, eu não saberia o que fazer com esse corpo que, desde sua chegada ao mundo,não consegue sair do lugar. Porque eu nasci velho, numa cadeira de rodas, com pernas enguiçadas, braços ressequidos. Eu nasci com o cheiro da terra úmida, o bafo de tempos antigos sobre o meu dorso. (LEVY; 2009: 09)

Em alguns momentos, podemos até analisar a cronologia histórica como algo possível de ser identificado e solucionado, mas há cenas na vida da jovem que é mais difícil de resolver. A protagonista aparece apreciar puxar lençóis sobre ela e os rostos de seus amantes "como uma mortalha funerária" e há uma referência assustadora às mãos ensanguentadas em uma máquina de escrever. Parte do charme do romance está em seguir a narradora em sua jornada, observando-a vagar pelas ruas turcas. Apesar de sua formação, ela é uma turista como qualquer outra (uma que requer um visto), mas sua herança permite que ela faça uma conexão com o que ela vê, particularmente quando se trata de sua visita à Mesquita Azul: Diante desses momentos portentosos, as cenas de Istambul parecem uma escrita de viagem alegre e atenta. A jovem vai a esta Mesquita, fascinada pelos rituais, mas por fim repelida com delicadeza como uma estranha; ela visita um banho público imundo e se liga tanto a sua massagista rude quanto às outras mulheres que ela vislumbra através do vapor. Falta de senso de si mesma, ela está emocionada por ser reconhecida por um taxista como tendo um “rosto turco”.

 “Não, não sou brasileira, sou turca. Meus avós vieram da Turquia, são todos turcos. Eu também. Veja, não pareço turca? Olhe o meu nariz comprido, a minha boca pequena, os meus olhos de azeitona. Sou turca. O policial torceu o nariz: *you need a visa*. Não discuti, meus argumentos nunca o convenceriam. [...] Definitivamente, não sou turca. (LEVY; 2009: 37)

Como uma rota aérea intercontinental, constata-se que se trata de um romance de grandes círculos: locais, histórias e assuntos. Levy - que, como a protagonista de seu romance de estreia, vive no Rio e tem raízes turcas e portuguesas - não facilita exatamente o leitor. O amante e a mãe são ambos abordados como "você". Poucos personagens recebem nomes e, embora seja um livro curto, ele paga uma segunda leitura, sendo preenchido com pistas, alusões e repetições. Após a morte de sua amada mãe e um caso de amor cada vez mais violento e pervertido, uma jovem mergulha em sua herança. É uma jornada da mente enquanto ela, paralisada por alguma doença não identificada, se vê desesperada, mas incapaz de escrever. Simultaneamente, é uma jornada física, para a terra natal de seu avô na Turquia, e para Portugal, onde ela nasceu durante o exílio de seus pais sob a ditadura militar brasileira . O romance torna-se uma maneira de encontrar um senso de si mesmo, através das lições aprendidas com as perdas de sua família, para a realização que ela tem sobre seu caso de amor disfuncional e, finalmente, a esperança que ela ganha do homem que ela conhece em Lisboa. Podemos citar Kierkegaard (2004), que relata que a dissolução do sentimento de pertença tem a possibilidade de lançar a personagem a uma desesperada busca de si. É o que acontece neste romance extremamente fragmentado, narrado em breves extratos na primeira, segunda e terceira pessoa por personagens que são anônimos. De certa forma, possui um olhar de uma meditação sobre as inconsistências internas de nossas histórias com o contraste de movimento versus paralisia e a narrativa de migração como perda versus oportunidade.

Culturas menos familiares são tratadas com simpatia e persuasão, mas um conjunto em um banho turco tradicional é tão incongruente com o estilo do resto da narrativa quanto um extrato diário escrito por um turista. Levy consegue contar histórias paralelas - a vida nova de seu avô na Turquia, o exílio de seus pais em Lisboa, a doença e a morte de sua mãe, sua própria história de amor destrutiva com um homem manipulador - sem perder o fio e amarrar todos os nós à direita locais.

Nota-se que cada parágrafo é associado a uma pessoa da vida da autora, seja ela mãe, avô ou um amante destrutivo e apaixonado. Porém, durante a leitura inicial, podemos conceituar como algo episódico – fragmentado -- na verdade, há uma voz que disputa a conta do narrador ou a consola, uma voz que não se consegue identificar até a página 14 e, mesmo assim, algumas informações cruciais são retidas até mais tarde. Já ao relatar a prosa, constata-se que é escrita como uma carta íntima para si mesma; às vezes enxergamos esta como um grito desesperado,e, às vezes, como um conforto nostálgico. Embora os personagens tenham sido descritos vagamente e a narrativa muitas vezes salte para frente e para trás, leitores podem observar que viajar de navio para outro continente e deixar a sua família e a sua vida para trás, especialmente quando se trata de migrações massivas durante o século XIX e início do século XX, mostra um papel conceitual triste e melancólico. Contudo, é relevante mencionar que Brasil e Turquia foram capturados de forma magnífica. O leitor sente que tem o poder de entrar e sair de cada esquina.

Ao relatar as conversas entre mãe e filha, verifica-se uma aproximação da comunicação telepática, e a filha relata os encontros com seu amante que representa características totalmente abusivas em segunda pessoa, de modo que, desconfortavelmente, a autora retém o poder de nos tornamos ele. Nas passagens em que a doença é descrita, a auto aversão da mulher mostra-se mais inteligível de se identificar do que própria doença, ao tempo em que percebemos em alguns trechos que não é totalmente explicado o propósito narrativo que ela serve, concomitantemente nem é totalmente reconciliada com sua personalidade resiliente.

Fora da família, podemos mencionar um segundo personagem principal do romance: o amante da narradora; mais uma figura sem nome que empresta uma natureza sensual e carnal ao livro. Em um contraste bem-vindo às cenas dolorosas do declínio da mãe, a escrita muda para passagens de luxúria, apresentando dois jovens que não conseguem manter as mãos longes um do outro. Isto seria amor? Para a maioria dos leitores, não é considerado bem assim. A mostra de seu relacionamento alternando entre êxtase e estranhamento, a protagonista parece fadada a ser ferida por seu parceiro tanto quanto ela é em sua vida familiar.

Ao concluir a leitura do livro, há, no entanto, um aspecto do romance que (deliberadamente) permanece confuso, como a narradora alegando várias vezes que a história toda está apenas na cabeça dela. A "doença" de que a narradora sofre é adequadamente vaga, levando o leitor a um caminho inseguro no que diz respeito a real realização da viagem a Esmirna, se houve ou jamais aconteceu. Essas alegações ocasionais desestabilizam o leitor, levando-nos a questionar tudo o que aconteceu até o último momento, forçando-nos a reexaminar as seções para sugestões sobre a história "verdadeira".

Eric Karl Anderson[[1]](#footnote-2)(2015), ao tecer comentários sobre a obra de Levy, descreve o romance como:

“ Uma novela emocional e surpreendente que faz com que cada frase ganhe seu lugar. Como um narrador no romance declara apaixonadamente: "Se a minha escrita não sangra, ela não existe". A intensidade da escrita aqui parece como se a escritora tivesse derramado sua vida nisso. Este é um livro escrito por alguém que está profundamente preocupado com o significado da identidade e encontra uma maneira de expressar toda a complexidade disso. É o que faz deste romance tão nobre e intenso.”

Em entrevista ao site *ScribeMelborne – London*, Tatiana Salem Levy finaliza sua fala definindo seu romance:

[[2]](#footnote-3)“Identidade, acho que é um tema da vida de todos. A pergunta "Quem sou eu?" Está no coração da condição humana. E porque não há resposta pronta - para ninguém - a identidade deve sempre ser construída. Escrever é uma maneira de construir essa identidade.”

Ao iniciarmos uma conclusão sobre o romance, eleva-se um questionamento: esta seria uma história do que é ou o que deveria ter sido? Na verdade, isso não importa muito. O fator mais significativo é que o modo de escrita particular de Salem Levy nos obriga a investir em uma personagem que nunca podemos ver completamente, uma mulher escondida à vista de todos. Desde sua estreia, Salem Levy produziu mais dois romances - esperamos que a onda de literatura brasileira continue a surgir cada vez mais, e que isso traga mais leituras intrigantes e prazerosas.

Bibliografía

ANDERSON, Erik Karl. *Lonesomereader*. Disponível emhttp://lonesomereader.com/blog/2015/7/9/the-house-in-smyrna-by-tatiana-salem-levy-translated-by-alison-entrekin. acesso em 20 set 2018

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: Entrevista a Benedetto Vechi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DOUBROVSKY, Serge. *O último eu*. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

IZQUIERDO, Iván. *O que é a memória*. In. \_\_\_\_\_. Memória. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record: 2009.

LEJEUNE, P. *Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação*: itinerários de uma pesquisa. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 537-544, 2013.

LEVY, Tatiana Salem.Q&A with Tatiana Salem Levy.Entrevista a Scribe MelbourneLondon. Disponível em https://scribepublications.co.uk/explore/insights/tatiana-salem-levy-q-a. Acesso em 20 de setembro de 2018.

1. Erik Karl Anderson. Trecho citado pelo site: <http://lonesomereader.com/blog/2015/7/9/the-house-in-smyrna-by-tatiana-salem-levy-translated-by-alison-entrekin>. Tradução nossa. Acesso em 20 de setembro de 2018. [↑](#footnote-ref-2)
2. Tatiana Salem Levy. Trecho citado pelo site: <https://scribepublications.co.uk/explore/insights/tatiana-salem-levy-q-a>. Tradução Nossa. Acesso em 20 de setembro de 2018. [↑](#footnote-ref-3)